



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 23/07/2021 a 29/07/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
23/07/2021	14,01	353,60	65,66	6,84	5,47
26/07/2021	14,12	353,60	66,43	6,77	5,49
27/07/2021	14,18	358,80	66,26	6,74	5,48
28/07/2021	14,32	356,10	66,55	6,88	5,49
29/07/2021	14,34	356,50	66,93	7,05	5,58
Média	14,19	355,72	66,37	6,86	5,50

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	153,00	
RS – Não Me Toque	153,00	
RS – Londrina	153,00	
PR – Cascavel	153,00	
MT – C.N.Parecis	156,00	
MS – Maracaju	156,00	
GO - Rio Verde	153,00	
BA – L.E.Magalhães	156,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	95,00	CIF
Porto de Paranaguá	80,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	90,00	
SC – Rio do Sul	91,00	
PR – Cascavel	96,00	
PR – Londrina	96,00	
MT – C.N.Parecis	77,00	
MS – Maracaju	93,00	
SP – Itapetininga	102,00	
SP – Campinas	105,00	CIF
GO – Rio Verde	87,00	
GO – Jataí	87,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	80,00	
RS – Não Me Toque	81,00	
PR – Londrina	84,00	
PR – Cascavel	88,00	

Período: 28/07/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 29/07/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	88,33	154,49	80,76

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
29/07/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	71,45
Feijão (saco 60 Kg)	250,56
Sorgo (saco 60 Kg)	62,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,06
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,14**
Boi gordo (Kg vivo)*	11,20

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Junho/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, nesta última semana de julho, se mantiveram relativamente estáveis, com um leve viés de alta em relação a semana anterior. O fechamento desta quinta-feira (29), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 14,34/bushel, contra US\$ 14,16 uma semana antes.

As condições das lavouras de soja nos EUA pioraram neste final de mês, sendo que até o dia 25/07 cerca de 58% do total estavam entre boas a excelentes. Um ano atrás este percentual era de 72%. Por outro lado, 30% estavam em condições regulares e 12% em condições entre ruins a muito ruins. Do total das lavouras, 76% estavam em fase de floração, contra 71% na média histórica. Outras 42% em fase de formação de vagens, ficando dentro da média.

Por sua vez, na semana encerrada em 22/07, as exportações estadunidenses de soja atingiram a 477.964 toneladas, superando o esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial o total embarcado chega a 58 milhões de toneladas, sendo 49% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Neste contexto, as cotações em Chicago continuam balizadas pelo clima nas regiões produtoras dos EUA. Os indicativos são de clima quente e seco para o início de agosto nestas regiões. De forma geral, as chuvas têm sido mal distribuídas segundo os meteorologistas locais.

Entretanto, vale registrar que este é o elemento que segura as cotações, já que pelo lado da demanda a situação não é boa em função de que as indústrias chinesas continuam com margens de esmagamento apertadas, com a China comprando apenas da “mão para a boca”, ou seja, apenas o estritamente necessário. Assim, a expectativa é de que as importações chinesas de soja desacelerem acentuadamente no final de 2021, após o recorde do início do ano. Isso vai coincidir com a colheita nos EUA. Desta forma, se esta colheita vier normal, diante deste novo padrão de consumo chinês, a pressão baixista sobre as cotações em Chicago tende a ser significativa. Não se pode esquecer que, em colhendo 120 milhões de toneladas de soja, os EUA estarão diante de sua terceira maior safra na história da oleaginosa.

A forte redução na lucratividade do setor suinícola chinês, que já vem de algum tempo, além do aumento no uso do trigo na ração animal, têm alterado a demanda pela soja no país oriental. Cogita-se, inclusive, que a China importe menos do que 100 milhões de toneladas neste ano, contra a expectativa de 102 milhões no início do ano. Por hora, considera-se que a demanda por farelo de soja na China está chegando ao fundo do poço, o que explica a forte queda nas cotações deste subproduto em Chicago nestes últimos meses. Durante esta semana a tonelada curta de farelo chegou a ser cotada em US\$ 353,60, após ter atingido a US\$ 450,90 em 12 de maio passado. Ou seja, o farelo perdeu quase 100 dólares em valor, no seu primeiro contrato em Chicago, em dois meses e meio. Desta forma, o comportamento da demanda, puxado pela China, tende a ser bem diferente neste segundo semestre, após a euforia da primeira metade do ano, quando a China importou 48,95 milhões de toneladas de soja.

Dito isso, no Brasil, com um câmbio que se estabilizou entre R\$ 5,15 e R\$ 5,20 por dólar na semana, e diante de prêmios positivos, os preços da soja se mantiveram entre

R\$ 150,00 e R\$ 155,00/saco. A média gaúcha, por exemplo, fechou a semana em R\$ 154,49/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 153,00 e R\$ 156,00/saco.

Assim, além dos fatores normais na formação do preço, tem-se também que os produtores seguram o produto restante visando ainda melhores preços, o que parece ser uma estratégia muito arriscada diante da tendência que o mercado vem desenhando há algumas semanas.

Os produtores estariam apostando na boa demanda interna por parte das indústrias de ração, as quais estão estimuladas pelas importantes exportações das carnes, e também pelas exportações da soja em grão. Neste último caso, em julho o Brasil exportou pouco mais de 7 milhões de toneladas, somando um total de 68,4 a 69 milhões de toneladas nos primeiros sete meses do ano, volume que supera as 66 milhões de toneladas do mesmo período de 2020. Este acumulado é recorde histórico e, no complexo soja, também há recorde, com 79,4 milhões, contra 77,5 milhões do ano passado. Assim, a safra deste ano foi maior e o país já embarcou 58% das 136,8 milhões de toneladas produzidas. No ano passado eram 62% das 125,4 milhões. Diante disso, o Brasil teria algo entre 30 a 32 milhões de toneladas ainda para serem comercializadas da safra que passou, havendo algumas regiões que já estariam pagando melhor do que a exportação. Mas há Estados que ainda possuem muita soja disponível, caso do Rio Grande do Sul, e cujos produtores indicam retornar ao mercado somente em outubro.

Dito isso, agora puxado pelo aumento no percentual de adição do biodiesel ao diesel fóssil (passou de 10% para 12% recentemente), o esmagamento interno de soja vem crescendo. Segundo a Abiove, este esmagamento deverá fechar o ano em 46,5 milhões de toneladas, ficando muito próximo dos 46,8 milhões do ano passado. Já para as exportações, o volume projetado está agora em 86,7 milhões de toneladas para o ano, ou seja, 4,5% acima do registrado em 2020.

Apesar deste quadro, os produtores brasileiros não avançam muito nas vendas antecipadas para a nova safra. A média dos últimos anos, para esta época, é de 38% a 40% do total esperado, porém, neste ano o volume negociado antecipadamente estaria entre 20% a 25% no país. Muitos ainda estão confiando na possibilidade de preços elevados para o ano que vem, no estilo do verificado no primeiro semestre do corrente ano, algo que nos parece cada vez mais difícil para a safra a ser colhida em 2022. Pelo menos a partir das informações e análises existentes até este final de julho.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago, neste final de julho, se mantiveram estáveis, porém, com um leve viés de baixa. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (29) em US\$ 5,58/bushel, contra US\$ 5,64 uma semana antes.

As condições das lavouras estadunidenses pioraram um pouco neste final de julho, com as mesmas ficando em 64% entre boas a excelentes até o dia 25/07, contra 72% no mesmo momento do ano passado. Outras 26% estavam em condições regulares e

10% entre ruins a muito ruins. Do total das lavouras, 79% estavam na fase de embonecamento, naquela data, e 18% na fase de enchimento de grãos.

Já os embarques de milho por parte dos EUA, na semana encerrada em 22/07, atingiram a 1,04 milhão de toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Somando este volume, o total exportado no atual ano comercial chega a 61,3 milhões de toneladas, o que representa 64% acima do registrado na mesma época do ano passado.

Na Argentina, com a colheita da safra 2020/21 atingindo a 81,4% da área total neste final de julho, espera-se uma safra final de 48 milhões de toneladas. Das lavouras ainda a colher, 28% estavam entre boas a excelentes, 54% normais e 18% regulares ou ruins. Por sua vez, 39% das mesmas estavam com condições hídricas entre regulares a secas.

E no Brasil a colheita da segunda safra de milho atingia a 44,3% da área no Centro-Sul brasileiro, até o dia 25/07, contra 56,4% na média histórica para esta época. Em termos de Estado, o Mato Grosso atingia a 71,4% da área, contra 86,7% em 2020, enquanto Rondônia chegava a 48,7%. Os mais atrasados são São Paulo, com 11,4% e Mato Grosso do Sul com 13,4%. (cf. Pátria AgroNegócios)

Por outro lado, segundo o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária) as expectativas de produtividade média caíram para menos de 95 sacos/hectare no Mato Grosso. Já o Deral paranaense apontou que a colheita da safrinha atingia a 7% da área no Paraná, neste final de julho, sendo que 81% das lavouras à campo estavam em estágio de maturação. Todavia, apenas 9% das lavouras eram avaliadas como boas, contra 39% em condições médias e 52% estavam ruins. Nesta realidade, a safrinha final no Paraná deverá ficar em 6,1 milhões de toneladas, já considerando as primeiras geadas, porém, ainda não os efeitos desta forte massa de ar polar que se abateu sobre o Centro-Sul brasileiro nesta última semana de julho. Se confirmado este volume, o mesmo será 50% menor do que o colhido no ano anterior e 58% menos do que as expectativas iniciais, que eram de uma colheita de 14,6 milhões de toneladas. Nestas condições, a quebra total na safra de milho do Paraná, neste ano, será a maior da história, com o total produzido somando apenas 8,5 milhões de toneladas entre safra de verão e safrinha. Só as perdas desta atual segunda safra correspondem a três safras normais de verão naquele Estado.

Em Goiás, onde a quebra da segunda safra igualmente se consolida, os preços continuam subindo, acompanhando a tendência nacional. Com 20% da safrinha colhida até o dia 23/07, a produtividade se mostra muito variável, sendo que regiões como a de Jataí apresentam quebras acima de 40% do potencial produtivo. (cf. Ifag)

Por outro lado, no Mato Grosso do Sul, a produtividade média foi novamente reduzida, agora ficando em 52,3 sacos/hectare, ou seja, 40,8% abaixo do que a da safra anterior. Desta forma, a produção final esperada cai para 6,3 milhões de toneladas, contra 9 milhões inicialmente esperadas. Neste final de julho apenas 1% das lavouras a serem colhidas apresentavam condições boas, sendo que outras 36% estavam regulares e 63% ruins. A colheita naquele Estado chegava a 4,1% da área no dia 23/07.

Diante de tal contexto, os preços do milho no Brasil continuaram subindo nesta semana. A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 88,33/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 77,00 e R\$ 102,00/saco, sendo que o CIF Campinas (SP) voltou a bater nos R\$ 105,00/saco. Esta situação inibe os vendedores, que logicamente seguram o produto esperando novos aumentos nos preços. Além disso, com a colheita muito atrasada, a oferta de milho é mais escassa, acelerando as importações.

Assim, as indústrias de carnes, que produzem sua própria ração aos seus integrados, aumentam suas compras externas. Informações dão conta de que a empresa JBS já teria comprado 30 navios de milho da Argentina. Os preços foram entre 15 a 20 reais por saco mais baratos do que os praticados no mercado brasileiro. Hoje, do total consumido pela empresa, em milho, 25% vem de importações. (cf. Reuters) Desta forma, além da forte redução nas exportações de milho, o Brasil poderá registrar, neste ano, importações históricas do cereal. Um grande número de empresa exportadoras, inclusive, estão trocando o direcionamento do produto, destinando o mesmo para o mercado interno ao invés da exportação. Segundo ainda a JBS, o Brasil, neste ano, deixará de exportar 15 milhões de toneladas do cereal e importará pelo menos 4 milhões.

E não é apenas a JBS que acelera as importações. A Aurora Alimentos também informa que vai por este caminho, assim como a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) afirma que as companhias do setor estão intensificando as compras do milho argentino e, no Nordeste, negociam para trazer o cereal estadunidense. Conforme a Secex, o Brasil importou em todo o primeiro semestre deste ano um total de 937.000 toneladas de milho, o dobro do verificado no mesmo período do ano passado. O maior volume veio do Paraguai (841.000 toneladas), em carregamentos que chegam em geral por rodovias.

Mesmo assim, em julho o Brasil ultrapassou a um milhão de toneladas exportadas de milho, sendo o maior volume desde janeiro. Nos primeiros 17 dias úteis do mês o total exportado chegou a exatos 1,121 milhão de toneladas. Todavia, a média diária é 62% menor do que a observada em julho de 2020. Enfim, o preço da tonelada exportada acusa um aumento de 43,8% no período, saindo dos US\$ 159,20 no ano passado para US\$ 228,90 neste mês de julho. Segundo a Anec, é possível que o Brasil alcance 3,2 milhões de toneladas exportadas em milho no total do mês de julho.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, voltaram a ultrapassar o teto dos US\$ 7,00/bushel nesta semana, fechando a quinta-feira (29), para o primeiro mês cotado, em US\$ 7,05, contra US\$ 6,92 uma semana antes.

Este aumento se deve à redução na safra atual de trigo dos EUA, assim como a redução na qualidade das lavouras ainda a serem colhidas. De fato, enquanto a colheita do trigo de inverno atingia a 84% da área até o dia 25/07, contra 81% na média histórica, o trigo de primavera apresentava apenas 9% das lavouras com condições entre boas a excelentes. Outras 25% estavam regulares e 66% entre ruins a muito ruins, sendo que 3% do total havia sido colhido na data indicada.

Por sua vez, as exportações atingiram a pouco mais de 477.960 toneladas na semana encerrada em 22/07, ficando o volume dentro das expectativas do mercado. No total, neste atual ano comercial 2021/22, iniciado em 1º de junho, os EUA exportaram 3,3 milhões de toneladas, ou seja, 19% menos do que em igual período do ano passado.

Já na Argentina, o Ministério da Agricultura local informa que a área com grãos de inverno, neste ano, será recorde histórico, atingindo a 8,25 milhões de hectares, sendo 6,95 milhões em trigo e 1,3 milhão em cevada. O plantio de trigo atingiu a 96% da área esperada neste final de julho.

Enquanto isso, no Brasil, os preços do trigo continuaram subindo, puxados pelas perdas que vêm ocorrendo no Paraná, em particularmente, a partir das constantes geadas neste inverno. A média gaúcha, no balcão, fechou a semana em R\$ 80,76/saco, enquanto no Paraná o produto ficou entre R\$ 84,00 e R\$ 88,00/saco.

Enquanto no Rio Grande do Sul e boa parte de Santa Catarina o retorno das chuvas e as geadas beneficiam as lavouras neste momento, no Paraná o clima se mostra adverso. Muitas regiões registram quebras, porém, a intensidade das mesmas ainda está sendo avaliada. Em Santa Catarina, ao contrário, espera-se uma safra total de 290.000 toneladas, com aumento de quase 70% sobre a do ano anterior, segundo a Epagri.

O fato é que esta situação climática, que pode se reproduzir em agosto e se estender para os Estados mais ao sul do país, deixa o mercado cada dia mais preocupado. Assim, os preços do cereal sobem junto aos produtores, enquanto junto aos derivados as negociações de farelo de trigo seguem aquecidas, influenciadas pela maior demanda. No mercado de farinhas, por outro lado, a procura é considerada baixa, porém, alguns moinhos, na tentativa de repassar custos, elevam os preços. (cf. Cepea/Esalq)

Neste contexto geral, os preços do trigo, que podem sofrer alguma pressão de baixa a partir da colheita em setembro, tendem a voltar a subir logo em seguida caso a quebra nacional se confirme importante, especialmente no Paraná. Mas ainda é cedo para se tirar conclusões a respeito, já que as importações, diante de um Real mais valorizado, devem aumentar. Especialmente porque a Argentina elevou sua projeção de safra, apontando que a mesma possa chegar a 20,8 milhões de toneladas neste ano. Com isso, o governo local espera que o país exporte, em 2021/22, incluindo farinha de trigo, um total de 14 milhões de toneladas, superando o recorde de 2016/17. Deste total, entre 5,8 a 6 milhões de toneladas, apenas de grão de trigo, devem ser vendidas ao Brasil.